

O NARRADOR DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* EM DUAS VERSÕES COMPLEMENTARES

Felipe Oliveira de Paula (UFMG)¹

Resumo: O objetivo do trabalho é demonstrar a aproximação entre os textos de dois críticos da obra de Machado de Assis, especificamente sobre a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (originalmente publicada em 1881), a saber: Roberto Schwarz, em *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1997); e Ronaldo de Melo e Souza, em *O romance tragicômico de Machado de Assis* (2006). Embora Melo e Souza diga ser problemática a noção de “narrador volúvel” utilizada por Schwarz, acredito que o seu texto muito mais a legitima do que a desconstrói.

Palavras-chave: crítica literária; narrador; Machado de Assis.

Machado de Assis deve estar entre os escritores mais estudados da literatura brasileira e, de tempos em tempos, surgem novas leituras de sua obra que contribuem ora na cobertura de pontos que até então não tinham sido tocados, ora na compreensão, por outra perspectiva, de aspectos já estudados.

No primeiro caso, da leitura que auxilia em pontos-chaves da obra que não foram explorados, pode-se pensar na relação do estudo de Sílvio Romero, em *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*, publicado inicialmente em 1897, com os textos curtos de Augusto Meyer, especificamente *O homem subterrâneo*, tornado público em 1935.

Sílvio Romero fez uma análise pautada nos princípios cientificistas, o que o impediu de enquadrar os escritos machadianos no estilo literário da época, Positivismo ou Naturalismo. Para Romero (1992), influenciado por teóricos como Hennequin, Taine e Scherer, o romance machadiano deve ser entendido a partir da caracterização do povo brasileiro da época e a voz do romance está diretamente

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, área de concentração Literatura Brasileira, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrando. E-mail: fopaula@yahoo.com.br.

ligada à personalidade empírica do autor. Isto o faz pensar que Machado de Assis não consegue utilizar o 'humour' em seus romances por ser essa uma característica imanente apenas aos ingleses e não fazer parte da índole dos brasileiros; por conseguinte não está no caráter da pessoa de Machado de Assis, como fica evidente no trecho em destaque: "o temperamento, a psicologia do notável brasileiro não são os mais próprios para produzir o *humour*, essa particularíssima feição da índole de certos povos. Nossa raça em geral é incapaz de o produzir espontaneamente". E Romero ainda sugere: "Oh! Sr. de Assis, volte a uma arte mais de acordo com a verdade e a sua própria índole" (Romero 1992: 162-163).

Embora exposto de forma breve, pode-se perceber que Sílvio Romero sofre certa restrição interpretativa no que se refere à elaboração poética dos romances machadianos e conduz sua leitura com conceitos pré-estabelecidos. Vale lembrar, apesar dos pesares, que Sílvio Romero foi de grande valia na formação da crítica literária brasileira.

Nesse sentido, Augusto Meyer (2008), um dos maiores críticos de Machado de Assis, com uma leitura impressionista muito mais preocupada em criar hipóteses do que comprovar teses, consegue esboçar aspectos que a fundamentação teórica de Romero não lhe permitiu alcançar. Meyer é responsável por apontamentos essenciais à obra de Machado de Assis com Sterne e Xavier de Maistre, que foi analisada cuidadosamente no livro *Riso e Melancolia*, por Sérgio Paulo Rouanet (2007); e o capricho machadiano que foi transformado em regra de composição (Meyer 2008: 15), ponto de partida para Roberto Schwarz (1997) em sua análise do narrador machadiano.

No segundo caso, leitura que aprofunda aspectos já levantados, mas com fundamentação teórica distinta, é possível destacar Roberto Schwarz, em *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, e Ronaldo de Melo e Souza (2006), em *O romance tragicômico de Machado de Assis*². Ambos se interessam nas formas internalizadas no romance e têm como ponto central o narrador.

Roberto Schwarz entende a volubilidade do narrador como recurso técnico que dá vida e função ao problema histórico da sociedade brasileira, sem, contudo, condicionar Machado de Assis à estrutura social como fazem aqueles que praticam um tipo de sociologismo vulgar. Para Schwarz (1997: 162), a volubilidade do narrador, inicialmente vista como um recurso apenas literário, "muda de feição quando examinamos de perto o seu desempenho", sendo possível uma relação da volubilidade de Brás Cubas com a inconstância da elite brasileira do século XIX. O antagonismo de classe, em particular no Brasil, seria a chave de estilo para se pensar a "mobilidade camaleônica do narrador" (Schwarz 1997: 187) em *Memórias Póstumas*

² Vale observar que serão utilizados, além dos livros citados, dois artigos, um de cada crítico, que se encontram em Antonio Carlos Secchin (1988), mais o texto transcrito de uma mesa redonda realizada em 1980, da qual Schwarz fez parte, contida no livro *Machado de Assis*, organizada por Alfredo Bosi (1982).

de *Brás Cubas*, cuja primeira edição data de 1881. Roberto Schwarz opta por uma análise dialética que demonstra a correlação entre estrutura social e estrutura formal.

Ronaldes de Melo e Souza (2006: 17), em *O romance tragicômico de Machado de Assis*, vê o narrador machadiano como um narrador mímico-dramático, “que difere sempre de si mesmo, que se despersonaliza a fim de personificar cada um dos papéis disponibilizados pela diversidade qualitativa da atuação histórica dos homens”. O crítico entende que não é possível uma caracterização do narrador por ver nele a representação de um “poeta camaleônico” (Souza 2006: 10) que se metamorfoseia a cada instante para melhor se adequar a um novo papel.

Nesse sentido, para Souza, a relação dual do narrador, presentificada na relação do vivo e do morto, estrutura o procedimento antagônico da narrativa. “A consumada arte da narração de *Brás Cubas* se traduz na estrutura fugata de uma série de variações de uma mesma lei narrativa, que denominamos princípio geral da reversibilidade” (Souza 2006: 110). É na narrativa que os contrários convivem, um tendo relação de dependência com o outro, o sentido se harmoniza com o não sentido, o ser com o nada. Assim esse dualismo antagônico coexiste dando forma à narrativa de *Brás Cubas*.

Melo e Souza considera o narrador singularizado como ator dramático que leva ao extremo a representação da alteridade e não concorda com Roberto Schwarz, que classifica o narrador machadiano como volúvel. Para Souza, o termo volúvel é questionável porque “pressupõe-se uma pessoa, particularmente uma pessoa sem personalidade”. Nesse viés, ficaria difícil a caracterização do narrador como uma pessoa, pois se trata de um “fingidor de toda *persona* correspondente a qualquer posição ideológica” (Souza 2006: 70).

Embora o teórico diga ser problemática a noção de narrador volúvel utilizada por Schwarz, procurarei ressaltar os pontos de contato entre os dois críticos no que se refere ao narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Pretendo demonstrar que o texto de Souza muito mais contribui, com perspectiva diferente, para a ideia do narrador volúvel de Schwarz do que a deslegitima. Notar-se-á que os dois textos se complementam. Nesse sentido, a partir dos argumentos contrários de Souza ao narrador volúvel, esboçarei como uma leitura auxilia a outra para buscar uma abrangência maior da complexidade que é o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Vale notar, antes de qualquer coisa, que as leituras de ambos têm contribuições essenciais para o romance machadiano e não é possível pensar a crítica machadiana e até mesmo um estudo sobre Machado de Assis sem antes compreender a tese de cada um. Dito isso, a proposta é evidenciar aspectos que estabelecem diálogos entre os textos, o que pode resultar no problema de qualquer leitura direcionada: deixar partes importantes de fora.

Ronaldes de Melo e Souza (2006: 20) conceitua o narrador machadiano como mímico-dramático por ver nele a capacidade de outrar-se a cada instante, ou seja, dramaticamente o narrador é capaz de se tornar vários personagens. Essa metamorfose contínua faz com que o narrador se vista de múltiplas máscaras, não possibilitando a esquematização de alguma.

Deste conceito de Souza é possível tecer duas observações quanto ao narrador volúvel de Schwarz: primeiro, a capacidade “camaleônica” de ser vários personagens, conforme a necessidade do momento também é reconhecida por Souza. Ambos os críticos realçam que a linguagem é moldada conforme o objeto a ser representado, isto é, o narrador está sempre outrando-se, logo a narrativa também muda, acompanhando as transformações do sujeito falante; a narrativa é mimética. Roberto Schwarz (1997) não se utiliza da mesma teoria que se fundamentou Melo e Souza, advinda da dramatização, mas também reconhece a constante mutação do narrador em vários personagens, como fica claro no seguinte trecho: “O que vemos é que, quase que de frase a frase, o narrador vai mudando de personagem. Quer dizer, num momento ele é metódico e esclarecido, noutra ele está na moda, noutra ele é irreverente...” (Schwarz 1997: 43).

A segunda observação vem da consideração de Souza (2006: 20) ao afirmar que o narrador se utiliza de múltiplas máscaras. Assim como este autor pensa ser questionável o termo volúvel, como dito acima, também Schwarz (citado por Bosi), pelo mesmo motivo, prefere não utilizar a ideia de máscara, “eu considero problemática a utilização da noção de máscara porque naturalmente supõe que atrás dela exista a cara propriamente dita. E uma das grandes novidades do Machado de Assis é a ausência de uma cara atrás da máscara” (Bosi 1980: 334). Mesmo não chegando a um consenso sobre o melhor conceito para caracterizar o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tanto Schwarz quanto Souza concordam que é nele que está contida a grande força “revolucionária” do livro.

Roberto Schwarz (1997: 41) relaciona essa inovação com a situação histórica em que a sociedade brasileira se encontrava: o fim da escravatura e a transição de um sistema monárquico para um sistema republicano. Havia uma relação ambígua na estrutura social brasileira, pois, ao mesmo tempo em que a elite nacional se sentia pressionada para acompanhar as ideias progressistas vindas da Europa e se modernizar, entrando para a burguesia mundial em constituição, ela conservava o tipo de relacionamento colonial, privilegiando o clientelismo e a cordialidade. Dentro desse pensamento, observa-se que no Brasil houve uma espécie de liberalismo especial, um “desenvolvimento desigual e combinado”. Para tanto, vale a pena a citação de um trecho longo, mas muito esclarecedor:

No que diz respeito ao ideário liberal, encontramos uma variação de apreciações correlata. Necessário à organização e à identidade do novo Estado e das elites, ele representa progresso. Por outro lado não expressa *nada* das relações de trabalho efetivas, as quais recusa ou desconhece *por princípio*, sem prejuízo de conviver familiarmente com elas. Daí um funcionamento especial, sem compromisso com as obrigações cognitiva e crítica do Liberalismo, o que abala a credibilidade deste último e lhe imprime, a par da feição esclarecida, um quê de *gratuidade*, *incongruente* e *iníquo*. Esta complementaridade entre instituições burguesas e coloniais esteve na origem da nacionalidade e até hoje não desapareceu por completo (Schwarz 1997: 37-38, grifos do autor).

Isto posto, entende-se que uma das genialidades de *Memórias Póstumas* está na internalização de uma peculiaridade objetiva das relações sociais do Brasil como nação, a partir da Independência, e utilizá-la na forma narrativa. Assim, a volubilidade do narrador é vista como constante desrespeito de alguma norma, ou para usar as palavras de Schwarz (1997: 54): “o escândalo das *Memórias* está em sujeitar a civilização moderna à volubilidade”; utiliza-se os elementos modernizantes na medida em que for conveniente para a aristocracia. A relação dialética entre norma e infração subsidia a volubilidade do narrador e pode ser percebida tanto no âmbito social quanto na esfera do individualismo.

Já Ronaldo de Melo e Souza (2006: 78) demonstra que a grande “revolução” do narrador machadiano está na sua habilidade de conciliar as oposições antagônicas, possibilitada pela capacidade mimética de ser sempre o mesmo artista, mas nunca o mesmo personagem. Essa capacidade de se metamorfosear para representar o outro possibilita substituir toda oposição antagônica como oposição complementar, ou seja, o que poderia ser visto como excludente se torna coexistente na intriga, como a morte e a vida.

O ponto central de *O romance tragicômico de Machado de Assis* gira em torno de constatar a ironia formal³ em cada romance de Machado. Nesse viés, “a ironia suprema do narrador machadiano decorre do reconhecimento de que o ser do mundo e do homem se manifesta como duplicidade originária, e não como unicidade ontoteológica” (Souza 2006: 35).

No que se refere às *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Melo e Souza vê a técnica narrativa do defunto autor como uma invenção genuinamente machadiana, a qual possibilita a disjunção do narrador em duas partes: eu-narrador e eu-personagem, ora ele atua distanciado dos eventos, ora ele se metamorfoseia representando um ator emocionalmente envolvido pelos acontecimentos dramáticos. Desse artifício, passa a existir a grande novidade do romance de Brás Cubas: a simultaneidade de dois pontos de vista, o eu de agora e o eu de outrora. Sendo assim, a ironia do defunto autor consiste na exposição do “retrato de um personagem que se revela em seu próprio ser a natureza ambígua e reticente da condição humana” (Souza 2006: 118). O que permite dramatizar o conflito da voz do trágico e do cômico coexistindo em uma mesma consciência.

Desse modo, Souza não consegue identificar o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* com uma classe social, já que Brás Cubas, morto, desclassifica todos os personagens inclusive a si mesmo, como fica bem claro no capítulo XX intitulado “Bacharelo-me”, quando fala das matérias feitas no curso de Direito em Portugal: “estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel”, e continua: “Tinha conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo

³ Como o conceito ironia carrega vários sentidos, Souza tem a preocupação de cercar o termo embasando-se na ideia de ironia romântica, a qual tem a parábasis como figura central. Para maior aprofundamento sobre ironia ver Pierre Schoentjes (2003).

romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas” (Assis 1997: 78).

Essa desclassificação do próprio eu – ao mesmo tempo em que pode ser visto como um “eu” diferente, pois se trata de um “eu de outrora”⁴ – pode ser identificada também no capítulo XXIV, “Curto, mas alegre”: “talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto” (Assis 1997: 94). Interpreta-se que a morte é o grande acontecimento que propicia essa maneira do narrador tratar a todos, inclusive a si mesmo: “Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentes, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser!” (Assis 1997: 96).

Neste ponto também é permitido manter uma relação com a tese de Schwarz (1997: 58) quando ele utiliza a ideia de “universalização da volubilidade”. Para o autor de *Um mestre na periferia do capitalismo*, a volubilidade não está apenas na esfera social, mas também na humana, na pessoal. Além da narrativa de Brás Cubas ser volúvel e “escorregadia”, também o é o ser humano em geral. O que inicialmente era possível perceber apenas no narrador e no personagem foi sendo aprofundado: a volubilidade “é o pendor permanente de todos; designaria, neste caso, uma insuficiência metafísica do ser humano. Por outro lado, não lhe faltam também as conotações de cor local, mais genéricas do que uma propensão de fulano ou sicrano, mas nem por isso universais” (Schwarz 1997: 59).

Um exemplo de personagem volúvel, além de Brás Cubas, é Lobo Neves. Tal aspecto fica evidente quando Brás se encontra com Neves no corredor do teatro e diz: “Mas no intervalo seguinte, prestes a levantar o pano, encontramos-nos num dos corredores, em que não havia ninguém. Ele veio a mim, com muita afinidade e riso, puxou-me a um dos óculos do teatro, e falamos muito, principalmente ele, que parecia o mais tranquilo dos homens” (Assis, 1997: 252). Para manter as aparências, Lobo Neves conversa tranquilamente com Brás Cubas, chegando a assuntar naturalmente sobre Virgínia: “Cheguei a perguntar-lhe pela mulher; respondeu que estava boa, mas torceu logo a conversação para assuntos gerais, expansivo, quase risonho” (Assis, 1997: 253).

Assim, Roberto Schwarz (1997: 70) demonstra que a volubilidade do narrador não pode ser determinada apenas pela estrutura social, pois ela é condição humana, é feição pessoal e é também característica histórica da sociedade brasileira. Todavia, o que sobressai na análise do crítico materialista é a volubilidade como característica da sociedade brasileira da época, “conotações de cor local”, sem, contudo, cair na falha de ser reducionista.

É exatamente neste ponto que o estudo de Souza se mostra importantíssimo para compreender de outro modo o narrador machadiano. Pois o autor toma como partida, como já foi dito, o comportamento do narrador machadiano como ator

⁴ Nesse sentido o estudo de Juracy A. Saraiva (1993) também é de grande valia ao demonstrar uma disjunção formal existente em *Memórias de Brás Cubas*, entre narrador e personagem.

dramático e relaciona-o à condição dual do humano. Enquanto Schwarz tem um olhar mais cuidadoso para a sociedade, Souza tem para a ambiguidade imanente no ser humano.

Por último, mas não menos importante, vale salientar a consideração que Souza elabora sobre a elite social brasileira. Para o estudioso de Machado, o que Schwarz denomina “desigual e combinado”, isto é, a vivência conjunta da norma liberal burguesa internacional e do sistema escravocrata da oligarquia brasileira, nada mais é do que uma situação criada conscientemente pelos senhores interessados

no escravismo para a produção interna e no liberalismo para a comercialização externa do produto do mercado liberal. O disfarce é uma exigência do comércio exterior. Dissimulando o que é e simulando o que não é, a elite brasileira do século XIX detém lucro duplicado, não gastando para produzir nem se desgastando para vender. No jogo cínico da dissimulação e da simulação, a oligarquia nacional nada tem de volúvel, porque se mantém sempre na mesma e única posição ideológica de dominação (Souza 2006: 27).

Neste sentido, pode-se denominar a sociedade brasileira como volúvel, pois ela não teria mudado de posição, apenas teria jogado “para a platéia”, exibindo máscaras para se manter no poder. Para tal argumentação, Souza utiliza um trecho de *Bons Dias!* e outro de *Esauí e Jacó* para comprovar que Machado de Assis tinha consciência de que nada modificara com a mudança do regime Monarquista para o regime Republicano, visto que o poder continuou sendo oligárquico.

As observações de Souza são de grande valia também para elucidar partes do livro de Schwarz que, por deslize ou pela complexidade do estudo, possam ter passadas despercebidas; o mesmo ocorre quando se lê Schwarz e se volta ao texto de Souza, embora este não seja tratado diretamente por Schwarz.

No primeiro capítulo do livro analisado, “Uma desfaçatez de classe”, Roberto Schwarz demonstra como a mão-de-obra dos ex-escravos deixava de ser uma sobrevivência passageira para fazer parte da engrenagem do sistema. As liberdades civis, além de não mudar os modos atrasados de produção, afirmava-os ainda mais, agora com pressupostos *modernos*. Conforme o crítico, essa especificidade se tornou lucrativa “em proveito da recém-constituída classe dominante nacional, a cujo adiantamento a sua continuidade interessava diretamente” (Schwarz 1997: 57).

Noutro trecho no mesmo capítulo (Schwarz 1997: 41), lê-se que não era problema para a elite oligárquica ter que lidar ao mesmo tempo com a norma liberal e com a infração vinda do grande sistema escravocrata. Se a condição social do Brasil não obrigava a classe dominante a optar, “porque abrir mão de vantagens evidentes?”. Assim sendo, “a valorização da norma e desprezo da mesma era da natureza do caso”, promovidos e mantidos por interesses de “classes estáveis”. A partir disso, entende-se que a volubilidade e manutenção da situação social da elite brasileira do século XIX pode ser pensada ao lado da noção de “astúcia da razão cínica” da classe dominante, defendida por Souza.

Conclusão

Desse modo, estudando os dois críticos, compreende-se que não é possível caracterizar Brás Cubas apenas como uma fisionomia particular de classe, mas também não é possível deixar de fora tal relação. Se a classe dominante brasileira vai aonde o vento soprar mais forte, ou melhor, para onde houver mais lucro e menos esforço, sempre mudando de direção para sua manutenção no poder, é possível perceber essa capacidade de “desidentificação permanente” no narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Também uma leitura do ser humano que se limite a ver apenas uma versão se mostrará falha pela incapacidade de reconhecer a “dualidade ontológica do ser”, já que ele precisa ser pensado metafísica e historicamente.

Roberto Schwarz e Ronaldo de Melo e Souza aprofundam estudos sobre o narrador machadiano com fundamentação teórica e objetivos diferentes. Grosseiramente falando, o primeiro volta-se para a relação exterior e o segundo para a relação interior. Nesse pensamento, a leitura de críticos com olhares diferentes nos ajuda a reconhecer a alta complexidade do narrador-personagem, defunto autor, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

THE NARRATOR IN MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: TWO COMPLEMENTARY VERSIONS

Abstract: This paper investigates the nearness between two experts in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a Machado de Assis' novel published in 1881. The specialists are: Roberto Schwarz, author of *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1997), and Ronaldo de Melo e Souza, who wrote *O romance tragicômico de Machado de Assis* (2006). Although Melo e Souza complains about a Schwarz's idea of “slippery narrator”, I believe Souza's writing more legitimates it than refutes Schwarz.

Keywords: literary review; narrator; Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Obra completa*. 3 vol. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CUVELLO Mario; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935-1958)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROMERO, Silvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Unicamp, 1992.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Riso e Melancolia: A forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SARAIVA, Juracy Assmann. *Circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: Edusp; São Leopoldo: Unisinos, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 1997.

SECCHIN, Antônio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes; SOUZA, Ronaldo de Melo. *Machado de Assis: Uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1988.

SCHOENTJES, Pierre. *La poética de la ironia*. Madrid: Cátedra, 2003.

SOUZA, Ronaldo de Melo. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/02/2012 E APROVADO EM 25/03/2012.